



apresentam

# Crónica dos Bons Malandros



## **Apresentação**

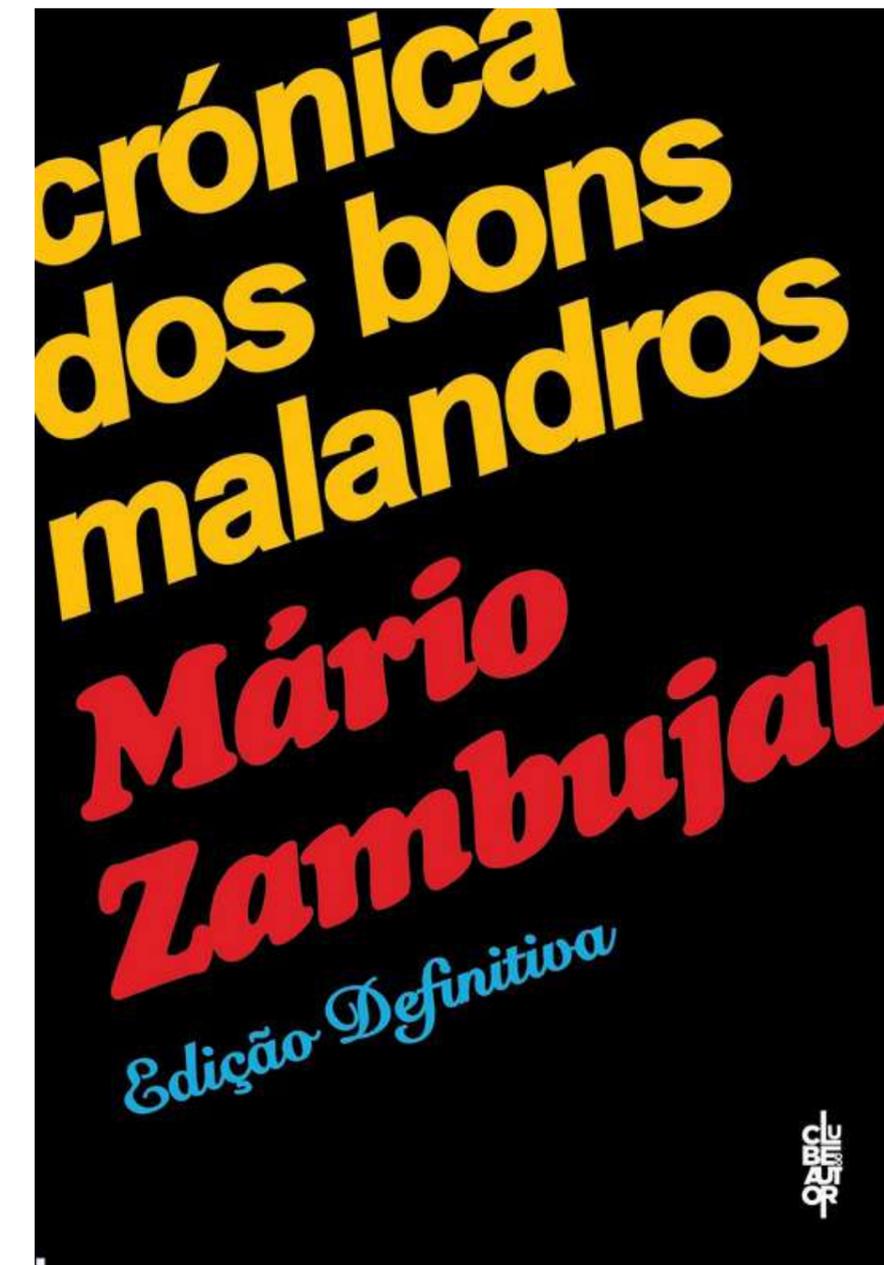
**A Crónica dos Bons Malandros é (ou sempre foi) mais um retrato que uma crónica. O retrato de uma forma de viver num período muito interessante da nossa história em que o espírito da revolução esmorecia e a Europa tardava a chegar: o início dos anos 80.**

**Uma série de oito episódios que vai contar as aventuras da quadrilha mais conhecida da década. Ao realizador Jorge Paixão da Costa (Soldado Milhões e A Espia) junta-se Mário Botequilha (Axilas e Os Contemporâneos) na adaptação do romance homónimo de Mário Zambujal.**

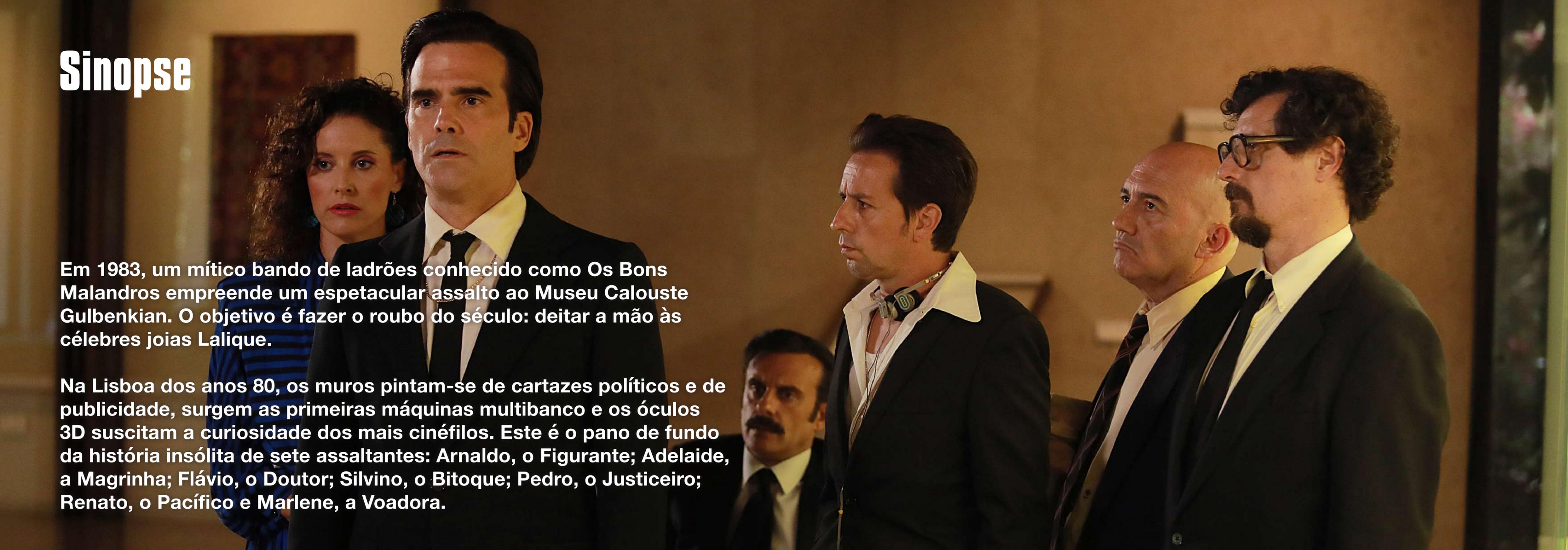
**A série é produzida pela Ukbar Filmes, em coprodução com a Moonshot Pictures (Brasil) e a RTP e com o apoio do PIC Portugal. Foi rodada entre julho e setembro de 2020 e tem estreia marcada para dia 2 de dezembro em horário nobre na RTP1.**

## O Livro

Editado em 1980, tornou-se um marco no género cómico-policial português. Admiravelmente engenhado, sempre surpreendente e por vezes hilariante, escrito com imenso talento, estes Bons Malandros refletem uma espécie de estado de alma da sociedade portuguesa de então. Por entre sonhos desfeitos, trágicas histórias de família e perdas insuperáveis, os Bons Malandros são, na sua génese, o povo português que, nalgum momento da sua vida se perdeu, toma a decisão errada para o seu rumo. E a pergunta que fica eternamente no ar... E se?



# Sinopse



**Em 1983, um mítico bando de ladrões conhecido como Os Bons Malandros empreende um espetacular assalto ao Museu Calouste Gulbenkian. O objetivo é fazer o roubo do século: deitar a mão às célebres joias Lalique.**

**Na Lisboa dos anos 80, os muros pintam-se de cartazes políticos e de publicidade, surgem as primeiras máquinas multibanco e os óculos 3D suscitam a curiosidade dos mais cinéfilos. Este é o pano de fundo da história insólita de sete assaltantes: Arnaldo, o Figurante; Adelaide, a Magrinha; Flávio, o Doutor; Silvino, o Bitoque; Pedro, o Justiceiro; Renato, o Pacífico e Marlene, a Voadora.**

# Os meus Malandros

Se no livro, cada capítulo é um malandro, sonhei criar um universo maior em que dedicasse a cada um deles não apenas alguns minutos mas todo o episódio. Porque não permitir que o assalto funcionasse em cada episódio como elemento agregador de cada um destes Malandros? Mas será que o assalto ainda era hoje, em 2020, pertinente? Um assalto à Fundação Calouste Gulbenkian, um Estado cultural dentro da nossa cultura. Esta série passou a ser a minha obsessão.

As personagens, todas elas, são coerentes e convergentes durante esse assalto à coleção René Lalique residente no Museu da Fundação Gulbenkian. Ao fazê-lo descrevem uns anos 80 próprios de um Portugal criador de muitas qualidades, mas sobretudo de vidas coincidentes de malandros muito especiais. Para além dos Malandros, criámos uma Japonesa que afinal é brasileira, alterámos relações de poder e tecemos um conjunto de personagens secundárias que atravessam toda a série.

Será que ainda por aí andam justiceiros como o Pedro, eloquentes como o Flávio e oportunistas como o Silvino? Espero que sim. São universais, eternos e culturalmente perenes.

*Jorge Paixão da Costa*



# 1º episódio - Os Malandros

Arnaldo, Adelaide, Flávio, Silvino, Pedro, Renato e Marlene são os Bons Malandros. Golpistas da cidade de Lisboa que ocupam os seus dias em jogos de bingo e pequenos delitos.

Através da Japonesa, uma luso-brasileira dona de um bar e cheia de artimanhas, a quadrilha é contratada para roubar 15 joias da Coleção Lalique, em exposição no Museu Calouste Gulbenkian.

A quadrilha resiste em aceitar aquele que pode ser o golpe do século. Mas várias peripécias nas suas vidas vão fazer com que mudem de opinião: Tudo isto porque os Malandros nunca visitaram um museu...

## episódios

EP2 - Arnaldo, o Figurante

EP3 - Adelaide, a Magrinha

EP4 - Flávio, o Doutor

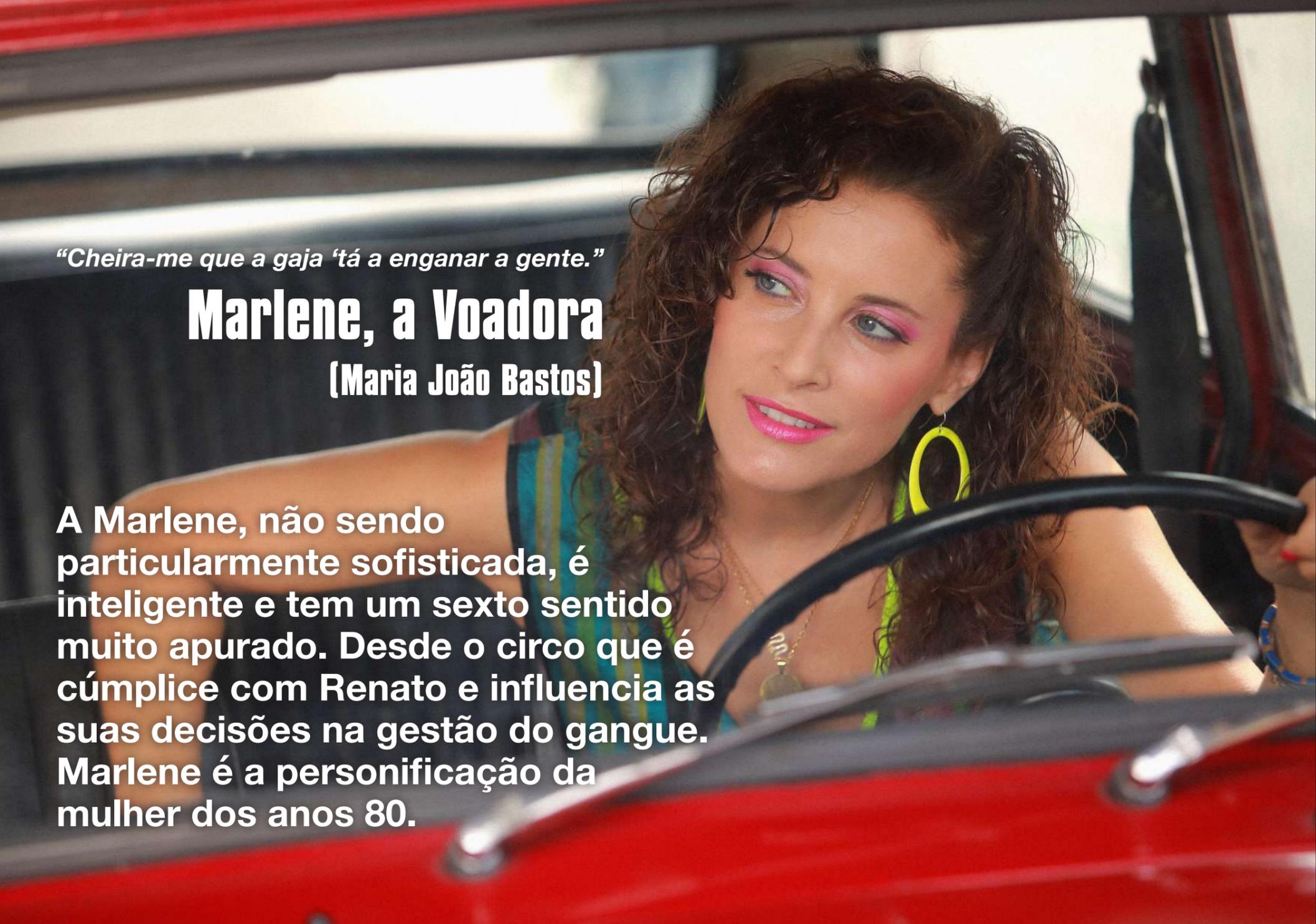
EP5 - Pedro, o Justiceiro

EP6 - Silvino, o Bitoque

EP7 - Marlene e Renato

EP8 - O assalto

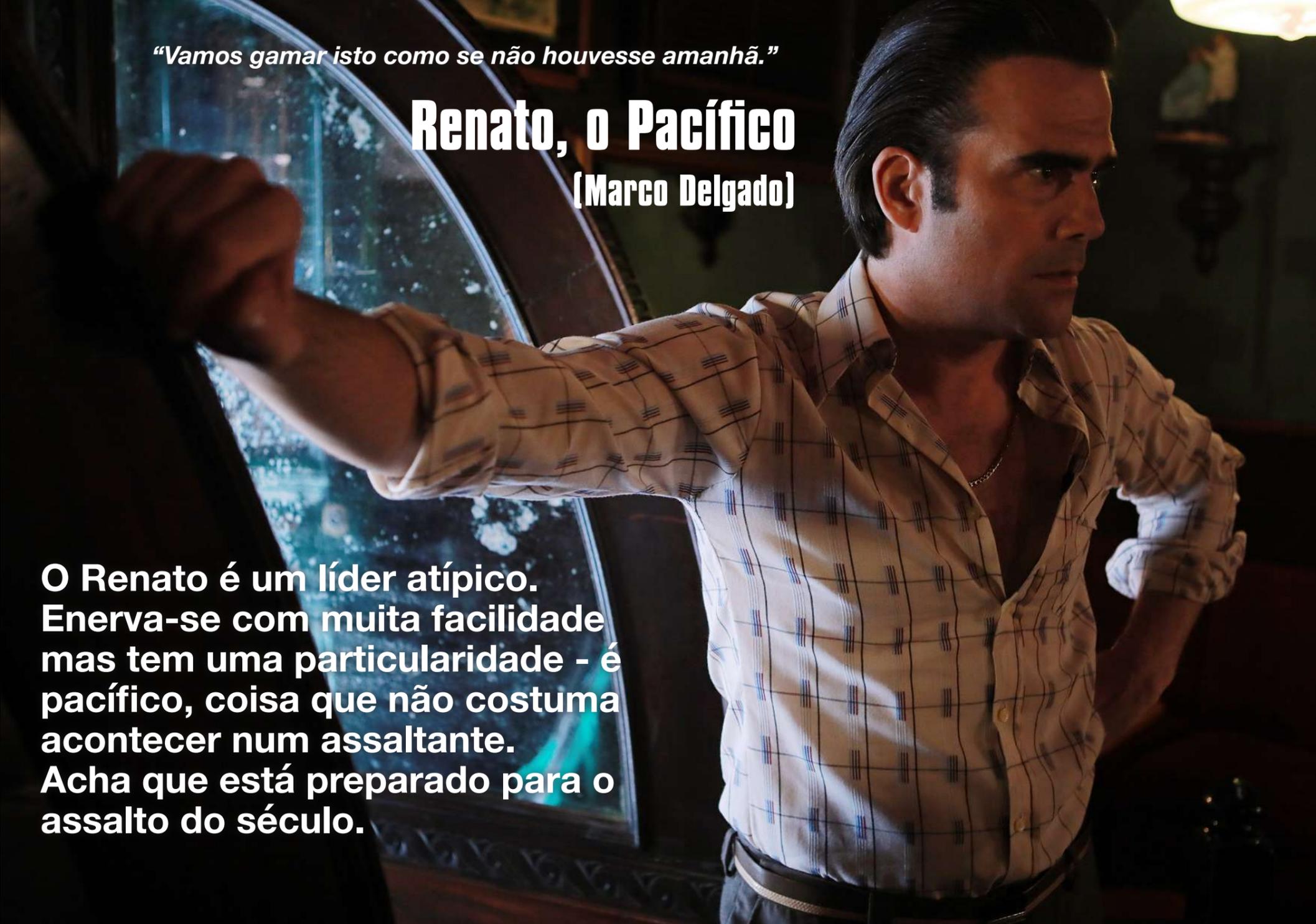




*“Cheira-me que a gaja ‘tá a enganar a gente.”*

## **Marlene, a Voadora** (Maria João Bastos)

A Marlene, não sendo particularmente sofisticada, é inteligente e tem um sexto sentido muito apurado. Desde o circo que é cúmplice com Renato e influencia as suas decisões na gestão do gangue. Marlene é a personificação da mulher dos anos 80.



*“Vamos gamar isto como se não houvesse amanhã.”*

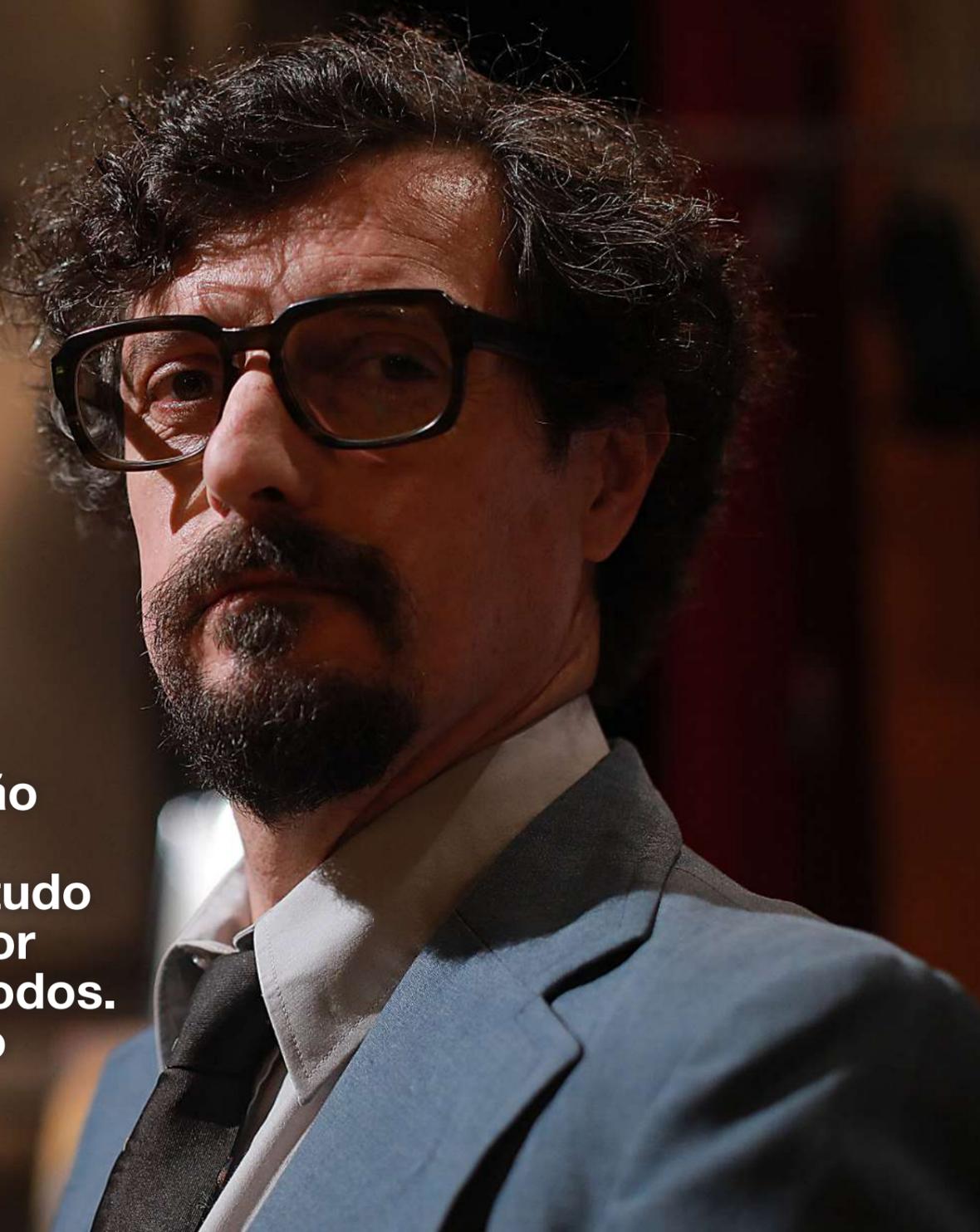
## **Renato, o Pacífico** (Marco Delgado)

O Renato é um líder atípico. Enerva-se com muita facilidade mas tem uma particularidade - é pacífico, coisa que não costuma acontecer num assaltante. Acha que está preparado para o assalto do século.

*“Lalique. O ourives. Posso dar-te uma pincelada geral da biografia dele”*

## **Flávio, o Doutor (Adriano Carvalho)**

O Flávio é um homem que não foi talhado para aquela vida, queria ser doutor e sabe de tudo um pouco. O destino e o amor levam-no a enganar tudo e todos. Os seus grandes amores são Nietzsche e a Zinita.

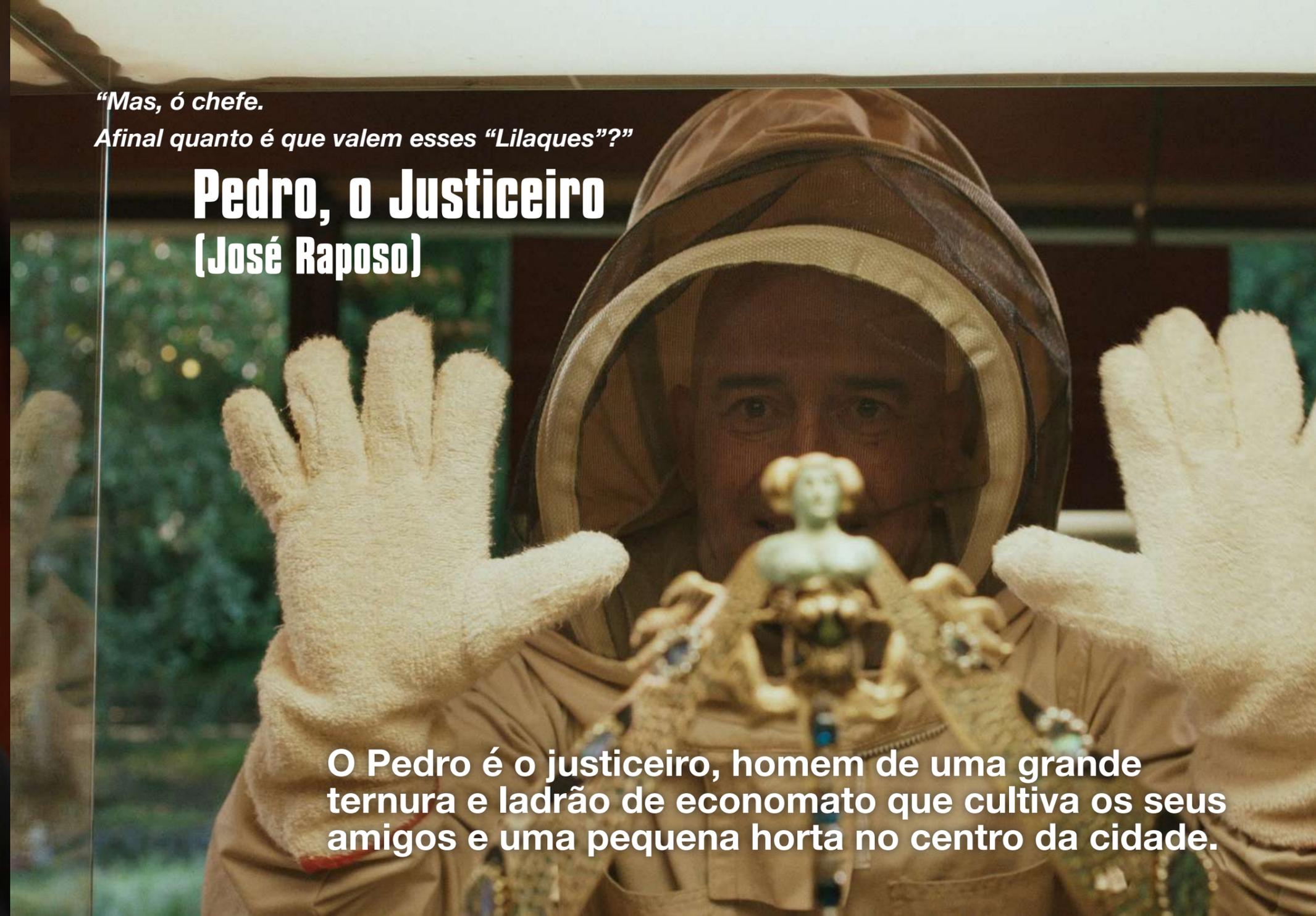


*“Mas, ó chefe.*

*Afinal quanto é que valem esses “Lilaques”?”*

## **Pedro, o Justiceiro (José Raposo)**

O Pedro é o justiceiro, homem de uma grande ternura e ladrão de economato que cultiva os seus amigos e uma pequena horta no centro da cidade.



## **Arnaldo, o Figurante**

**(Manuel Marques)**

*“Então mas é para pegar fogo àquilo tudo?”*

O Arnaldo é um atado, aquilo a que as pessoas chamam de idiota chapado, mas conquista-nos com a sua graça e o seu coração de ouro. Sempre sonhou ser pugilista mas acabou por se tornar num figurante, mas sem dúvida o melhor figurante.

*“E eu a perder uma noite de bingo para isto?”*

## **Silvino, o Bitoque**

**(Rui Unas)**

O Silvino é o verdadeiro malandro, daqueles com bigode farfalhado e pinta de chico-esperto. O malandro que faz malandrices aos malandros e que consegue roubar malandros, só pode ser um jogador. É um grande apreciador de bitoque, nunca perdendo a oportunidade de se poder deliciar com esta iguaria, e viciado em bingo.



## Adelaide, a Magrinha (Joana Pais de Brito)

*“Nem que a gente fossemos todos Sagitários.”*

Ⓜ A Adelaide é uma apaixonada que sonha com o príncipe encantado, não apanha clientes que não sejam compatíveis com o seu mapa astral. Entre a igreja e o tango, quer uma vida melhor. Já foi magrinha.

## Os Anos 80: Uma inspiração visual

Os anos 80 são tempos de grande mudança, de alteração de paradigmas, especialmente no Portugal que tinha acabado de sair da revolução e ainda não tinha entrado na CEE. Na época, em Lisboa misturava-se a ruralidade com o avant-gard, o punk com a beatice, o thatcherismo com as brigadas revolucionárias. Aos olhos de hoje parece uma salada russa, mas era disso que se tratava. Tudo tratado de mesma forma divertida, com as personagens a viverem e a aceitarem a sua realidade contraditória com muita normalidade. Visualmente, deixámos que estas contradições contagiassem a série e jogassem a favor da narrativa. Talvez até tenhamos aproveitado para acentuar elementos visuais.

Além de cómica, a história também tem algo de trágico, algo realista, porque fala de Malandros com quem convivíamos quotidianamente. Pesquisei muitas fotos da época, portuguesas e estrangeiras, algumas de fotógrafos conhecidos, outras de amadores. Pegámos em fotos do Alfredo Cunha que está cheio de situações caricatas e cruzamos com a linguagem da comédia, o Blues Brothers,

o *Raising Arizona*, inclusive o *Breaking Bad*.

A Gulbenkian é um local maravilhoso invadido pelos nossos Malandros. Obviamente, eles não pertencem àquele espaço, são o elemento perturbador onde tudo está em harmonia. Utilizámos planos picados e contrapicados para acentuar a ameaça que os Malandros representam. Mas respeitámos o mood visual do espaço em termos de cores, da constante presença da natureza verde que envolve a Gulbenkian.

Lisboa apagou parte da sua memória, daí decidirmos introduzir digitalmente a enorme quantidade de murais e slogans políticos que existiam um pouco por todo o lado, resquícios de uma revolução que contribuiu para recriar o espírito de uma época, mas também um subtexto divertido.

*Pedro Carneira, Diretor de Fotografia*



# Os Espaços: A criação de uma época

A série não procurou replicar uma fossilização à realidade dos anos 80, mas antes apropriar-se de uma irreverência justa dos oitentas, reciclando-a e dando-lhe contemporaneidade.

A Gulbenkian com as suas madeiras e desenho arquitetónico, o Bar mais claustrofóbico, o Bingo com referências à cidade bairrista com introdução de tonalidades algo artificiais.

O Bingo e o Bar da Japonesa são os espaços dos Malandros, onde planeiam golpes, se é que se pode chamar planear a tanta improvisação. Daí serem mais escuros e sombrios, menos formais e descontraídos.

Se estes Malandros são uma projeção da irreverência portuguesa, procurámos não carregar o kitsh ou o vintage, concentrando a nossa atenção visual-dramática nos Malandros. As pessoas de Lisboa são magníficas e o facto de ainda se poder sentir em certas partes este lado ingénuo e do bom coração, que associamos aos Malandros, é uma preciosidade e também contribui para tornar a série universalmente contemporânea. Entre o Aqueduto e a Ponte 25 de Abril, Lisboa é a sua cidade!

*Bruno Duarte, Diretor de Arte*



# Jorge Paixão da Costa

Formado em Estocolmo, divide o seu tempo entre a realização para cinema e televisão e a carreira académica.

Filmografia selecionada:

Adeus Princesa – longa-metragem, 1991

Raia dos Medos – série, 1999

Polícias – série, 1997

A Ferreirinha – série, 2004

O Mistério da Estrada de Sintra – longa-metragem, 2007

A República – minissérie 2010

Soldado Milhões – longa-metragem 2018

Jacinta – longa-metragem, 2017

A Espia – série, 2020

O Atentado – série, 2020



# Mário Botequilha

Autor de textos satíricos para jornais, com destaque para O Inimigo Público. Foi coautor das séries Bocage, O Dia do Regicídio, Air Lino Excursões, Os Contemporâneos, Donos Disto Tudo, Patrulha da Noite e de talk-shows de Herman José, entre muitos outros projetos de ficção. E em cinema colaborou no argumento de Axilas (2017) e Soldado Milhões (2018).

# Mário Zambujal

Mário Zambujal foi jornalista d' A Bola e d' O Jornal, subchefe de redação de O Diário de Lisboa, chefe de redação de O Século, diretor-adjunto do Record, diretor do Mundo Desportivo e dos semanários Se7e e Tal & Qual, subdiretor do Canal 2 da RTP e apresentador de diversos programas de televisão. Entre o teatro e a literatura, ficou eternizado por livros como Crónica dos Bons Malandros, Histórias do Fim da Rua, À Noite Logo se Vê, Fora de Mão, Primeiro as Senhoras, Já Não se Escrevem Cartas de Amor, entre outros.

# ELENCO:

Marlene - Maria João Bastos; Renato - Marco Delgado

Flávio - Adriano Carvalho; Pedro - José Raposo

Arnaldo - Manuel Marques; Silvino - Rui Unas; Adelaide - Joana Pais de Brito

Japonesa - Mónica Iozzi

Açucena - Isabel Ruth

Carlos - José Fidalgo

Bananas - Luís Aleluia

Zinita - Joana Barrios

Lina - Lúcia Moniz

Baseado na obra homónima

de Mário Zambujal

Argumento de Jorge Paixão da Costa,

Mário Botequilha e Mário Zambujal

Escrito por Mário Botequilha

# FICHA TÉCNICA:

Realização: Jorge Paixão da Costa

Direção de Fotografia: Pedro Cardeira

Direção de Arte: Bruno Duarte

Figurinos: Joana Cardoso

Som: Pedro Melo e Pedro Adamastor

Direção de Produção: João Fonseca

Montagem: João Braz e Carlos Madaleno

Desenho de Som: Tiago Raposinho

Correção de Cor: Marco Amaral

Efeitos Digitais: Jorge Carvalho

Música: Armando Teixeira

Produtores: Pandora da Cunha Telles e Pablo Iraola

Coprodutores: Roberto d'Ávila

Produção:

**UKBAR FILMES, MOONSHOT PICTURES e RTP**

com o apoio do PIC Portugal

# Ukbar Filmes

Na Ukbar Filmes procuramos boas histórias. Produzimos cinema e televisão, ficção e

documentário, sempre atrás de personagens cativantes. Temos assegurado uma forte

presença internacional em festivais e mercados, apostando em novas vozes autorais,

adaptações literárias e séries com um forte potencial.

Em 2021 vamos estrear as longas Amadeo, A Arte de Morrer Longe, Sandra e Montado,

rodar os próximos filmes de Paulo Filipe Monteiro e Luís Filipe Rocha, e a série 10

obras, 10 telefilmes, 10 realizadoras. Nos documentários avançamos com Damas, Vai no

Batalha, Contos do Esquecimento e Terra Fenomenal.

# Moonshot Pictures

A Moonshot Pictures, fundada em 2001 por Roberto d'Ávila, é uma produtora de referência

nas séries de ficção como Sessão de Terapia (Globoplay e GNT) e 9mm: São Paulo (Fox),

séries de não-ficção como Aeroporto – Área Restrita (Discovery), Que Seja Doce, The Taste

Brasil e Cozinheiros em Ação (GNT), Brazil's Next Top Model (Sony), além de filmes como

Última Parada 174, Eliana e o Segredo dos Golfinhos, Magal e os Formigas, Querida Mamãe

e coproduções internacionais como Rosario Tijeras (2010) e O Mistério da Estrada de Sintra

(2007). Desenvolve atualmente inúmeras séries com a Globo Play (In Treatment), Amazon,

Netflix (Spectros) e HBO, em destaque.



MOONSHOT  
PICTURES

apresentam



Com o apoio financeiro



Com o apoio

